

ROTAS E RAÍZES DA CULTURA NEGRA

O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência, de Paul Gilroy. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora 34/Universidade Cândido Mendes, 2001, 432 pp.

Patricia Pinho

Oito anos após a publicação original em inglês, chega aos leitores brasileiros a tradução de um dos livros mais importantes da atualidade sobre identidade e cultura negras. Referência indispensável aos estudiosos e interessados no assunto, *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*, do genial pensador Paul Gilroy, está disponível em português em uma tradução cuidadosa e eficiente. De leitura fascinante e enriquecedora, o livro traz uma abordagem alternativa de temas que são fundamentais para as análises da cultura e da política negras, oferecendo novas maneiras de pensar questões como a diáspora africana, a oposição entre pureza e mistura, os complexos entrelaçamentos de tradição e modernidade e as relações intrínsecas que ligam a modernidade à escravidão, ao colonialismo e ao racismo científico, enfatizando portanto a associação entre modernidade e negritude.

A obra é permeada pela idéia central de que, mais do que meros desdobramentos de uma congelada e pura "herança africana", as culturas negras na diáspora têm se construído a partir de dinâmicos processos ocorridos no interior do sistema "Atlântico negro". Desta forma, ao contrário do que afirmam vários pensadores e diversos movimentos negros, procura-se mostrar que essas culturas não são puras

ou exclusivas de determinadas comunidades, mas híbridas e misturadas, ainda que possuam características que permitam defini-las como negras ou produzidas por grupos negros. Além disso, são transnacionais e estão inseridas na modernidade tanto quanto são fruto da tradição, já que desde o início foram submetidas ao contato com o mar, que com seus fluxos e movimentos promoveu interseções e transformações nas culturas banhadas pelo Atlântico. O termo "Atlântico negro" surge assim para explicar as estruturas transnacionais que se desenvolvem e se articulam em um sistema de comunicações globais constituído por fluxos de pessoas, imagens, idéias e símbolos negros pelos mais diversos pontos.

O autor concebe a navegação entre a Europa, a América, a África e o Caribe como metáfora de um sistema microcultural e micropolítico vivo e em movimento, em que o navio é uma imagem especialmente importante, por razões históricas e teóricas. Os navios representam os projetos de retorno à terra-mãe, a circulação de pessoas e idéias, o movimento de artefatos culturais e políticos fundamentais, como panfletos, livros e discos, bem como apontam para a importância da *Middle Passage*. Esse conceito está traduzido como "passagem do meio" e é explicado em nota do tradutor como uma expressão consagrada na historiografia de língua inglesa para designar o trecho mais longo e mais penoso da travessia dos navios negreiros pelo Atlântico. Caberia acrescentar a essa explicação indispensável que a *Middle Passage* refere-se também à transformação das identidades daqueles indivíduos oriundos de diversas etnias, que passavam a ser identificados como africanos genéricos ou "negros".

Gilroy argumenta que o processo que criou o negro produziu suas próprias e específicas contradições. Assim, a música negra, as artes negras e o pensamento negro radical, seja ele político ou religioso, seriam expressões da vertente contracultural crítica do Atlântico negro, a partir da qual se teria gerado uma contra-interpretação da modernidade. Com esse pressuposto na bagagem, os leitores são conduzidos a viagens marítimas por meio da música e da literatura, guias que levaram o autor a privilegiar as rotas (*routes*) mais que as raízes (*roots*), homofonia impossível de ser transposta em português. As histórias de amor e perda que dominam a música e a literatura negras tornam-se então o principal substituto para as liberdades políticas formais negadas aos escravos e seus descendentes.

Desafiando os debates contemporâneos sobre a modernidade, que em geral têm ignorado a produção musical, Gilroy enfatiza o papel fundamental desempenhado pela música no desenvolvimento das lutas negras como meio de expressão das demandas por cidadania, justiça e igualdade, tornando-se a linguagem política das narrativas presentes na transferência de formas políticas e culturais. A rica cultura musical do Atlântico negro coloca o mundo tal como ele é contra o mundo tal qual os racialmente subordinados gostariam que fosse, fornecendo uma grande dose de coragem para prosseguir vivendo no presente. O poder especial dessa música deriva de sua localização ao mesmo tempo dentro e fora das convenções e regras que periodizam a condição moderna, tratando-se portanto de uma cultura musical que é a um só tempo imanente à modernidade e contradiscurso da mesma.

Um dos principais aspectos dessa contracultura é a sua base moral distintiva, que tem a ética como inseparável da política, de modo a situar-se em posição de criticar o pressuposto ocidental da dualidade entre política e arte, aderindo à perspectiva segunda a qual há soluções racionais para a melhor administração do bem comum, já que a música e as práticas culturais e sociais de origem africana na diáspora seriam portadoras tanto da utopia de um mundo melhor quanto de uma profunda crítica ao capitalismo e ao Ocidente. Segundo o autor, essa vertente tem suas genealogias e pode ser mapeada historicamente, reconstruindo laços e pontos de articulação. O Caribe, a África, a América Latina, a América do Norte e a Europa contribuíram para a formação de uma identidade racial negra transna-

cional em contextos marcados por condições sociais semelhantes. O movimento dos direitos civis e o do *black power* têm seus destinos citados como exemplo disso, já que seu estilo, retórica e autoridade moral foram destacados de suas origens étnicas e históricas para serem exportados e adaptados a lugares diferentes mas com necessidades parecidas. A apropriação dessas formas, estilos e histórias de luta tem sido possível mesmo diante de uma grande distância física e social, sendo facilitada por um pano de fundo comum de experiências urbanas e pelo efeito de formas similares, porém não idênticas, de segregação racial, bem como por uma memória da escravidão, um legado de africanismos e um estoque de experiência religiosa. Deslocados de suas condições originais de existência, os elementos dessa cultura afro-americana alimentaram uma nova metafísica de negritude, elaborada em espaços públicos por meio de uma expressiva cultura dominada pela música.

Para Gilroy, a produção musical negra não deve ser analisada a partir do modelo inadequado da textualidade nem tampouco sob perspectivas essencialistas que giram em torno da noção de um "eu" racial essencial, soberano e imutável. Os fluxos do Atlântico representam sempre vias de mão dupla, em que as influências são recíprocas e não obedecem à hierarquia que coloca a África como centro emanador único. O autor concebe uma diáspora africana diferente das concepções que lhe atribuem um centro único, um momento original que seria a "sede do trauma", a partir do qual uma dispersão catastrófica teria gerado um movimento unidirecionado. Criticando as teorias unicentristas, Gilroy defende que a diáspora negra, em vez de centrada na África como terra-mãe, ou nos Estados Unidos como pólo exportador dos modelos de etnicidade, possui vários centros espalhados pelo Atlântico negro. Desenhando uma diáspora multicentrada e constituída por infinitas variações de cultura negra, impossíveis de serem reduzidas a tradições étnicas ou nacionais, Gilroy combate os paradigmas do que chama de "absolutismo étnico".

Os discursos contemporâneos que giram em torno de um "eu" negro essencial e se autodefinem afrocêntricos têm se utilizado de significantes icônicos de uma noção limitada da África para divulgar os padrões norte-americanos de "raça" e etnicidade. Além de contestar a centralidade dos discursos afro-americanos para a diáspora negra, o autor defende

que as culturas negras contemporâneas devem se libertar da tendência dominante a internalizar as versões americêntricas de negritude. Apesar de divulgarem noções supra-humanas aparentemente prestigiosas — e indubitavelmente lucrativas —, essas definições de negritude não implicam o fim do pensamento racial.

No lugar da pureza ou preservação de reminiscências africanas, os ritmos musicais criados na diáspora comprovam a "crioulização" e a hibridez geradas pelos contatos e interconexões do Atlântico negro. Exemplos dessas influências mútuas são citados em profusão por um intelectual que já foi também crítico musical e disc-jôquei e se revela um apaixonado pelos ritmos negros que o conduziram nas rotas da sua própria identidade híbrida. Aprendemos assim, por exemplo, que o norte-americano James Brown, considerado um dos principais expoentes do funk, teve seu ritmo influenciado pelo africano Fela Kuti, que por sua vez fundiu ritmos africanos com o funk, criando assim o afro-beat; ou que o jazz, ao ser transposto para a África do Sul, fundiu-se com estilos locais; e que o reggae caribenhino e britânico teve grande influência sobre a cultura rastafári desenvolvida no Zimbábue e iniciada na Jamaica.

Gilroy defende que o ato de ouvir música, longe de estar associado à passividade, representa um processo ativo e dinâmico, assim como o ato de contar e ouvir histórias: "Tanto contar histórias como produzir música contribuíram para a criação de uma esfera pública alternativa, e isso, por sua vez, forneceu o contexto no qual os estilos particulares de autodramatização autobiográfica e autoconstrução pública têm sido formados e circulados como um componente essencial das contraculturas raciais insubordinadas" (p. 374). A literatura negra também é explorada para expressar o papel contracultural do Atlântico negro. Aprofundando a noção de dupla consciência (*double consciousness*) desenvolvida por W. E. B. Du Bois em *The souls of black folk* (1903), Gilroy mostra que a sinalização do múltiplo e do diverso das gentes negras representa um dos principais traços da sua modernidade. Em outras palavras, a tensão permanente de ser ao mesmo tempo *negro* e *norte-americano*, como mostrou Du Bois, ou de ser simultaneamente *negro* e *européu/ocidental*, como afirma Gilroy, expressa como os povos negros estão incluídos na modernidade, ainda que por meio de um projeto que busca(va) excluí-los socialmente.

O livro passeia então pela obra de diversos escritores que optaram por abordar os caminhos mais difíceis da duplicação e cisão da condição de vida do negro na modernidade, a exemplo de Frederick Douglass, Richard Wright, Edouard Glissant e Toni Morrison, além do próprio Du Bois. O autor mostra que essa opção de lidar com a hibridez está menos em moda hoje em dia, sendo substituída de maneira crescente pelos apelos a uma fantasia de pureza como base da solidariedade racial, que instaura no centro do pensamento negro uma "noção mística e impiedosamente positiva da África que é indiferente à variação intra-racial e é congelada no ponto em que os negros embarcaram nos navios que os levariam para os inimigos e horrores da *Middle Passage*" (p. 355). A dupla condição do negro moderno demanda que se visualize o entrelaçamento complexo e abrangente que mesclou as realizações intelectuais e culturais das populações do Atlântico negro à narrativa grandiosa do Iluminismo. Para Gilroy, há um poder especial que deriva da duplicidade porque de um lado insere o negro na modernidade, incomodando assim o Ocidente branco moderno, e de outro confunde as formas simplistas de entendimento essencialista da relação entre identidade racial e não-identidade racial, entre autenticidade e tradição, incomodando aqueles intelectuais negros que se consideram guardiões da tradição e da pureza.

O discurso da tradição tem estado frequentemente articulado à necessidade de legitimar uma cultura política negra que se expressa com uma postura defensiva contra a opressão da supremacia branca, colocando a tradição como o avesso da modernidade e, conseqüentemente, *negro* e *branco* como pólos opostos. Nessas condições, em que as obsessões com a origem e o mito podem dominar os conceitos políticos contemporâneos, a idéia da tradição tem se constituído num refúgio para as comunidades que se definem em termos raciais ou étnicos. Por isso, a busca das tradições tem marcado o posicionamento de muitos movimentos negros no mundo todo, refletindo a idéia de pertencimento a uma unidade, baseada em uma origem comum (real ou imaginada) que se busca perpetuar mediante a crença numa suposta "preservação das tradições".

Gilroy aponta que a idéia da tradição tem exercido um poder hipnotizante no discurso político negro, operando com um significado de unificação das práticas e formas culturais presentes na

diversidade cultural da experiência negra. No entanto, argumenta ele, a tradição não deve estar em oposição à modernidade, nem se deve invocar imagens pastorais ou saudáveis da África a fim de contrastá-las com o poder afásico e corrosivo da história da pós-escravidão nas Américas e no Caribe. As tradições, inventadas, revividas ou reformuladas, devem ser entendidas como processos sempre inacabados e inseridos na modernidade, e não como um fim em si nem como meio para identificar um passado perdido ou nomear uma cultura de compensação que possa restaurar o acesso a esse passado. Em muitos aspectos, o apelo à tradição tem-se revelado como uma antítese da modernidade, em parte como resposta à ameaça que esta tem colocado às supostas estabilidade e coerência da identidade negra. A especificidade da formação política e cultural moderna do "sistema Atlântico negro" rejeita no entanto a possibilidade de manutenção de fronteiras estáticas que preservariam a pureza e a tradição, já que, ao se conectarem transnacionalmente, as comunidades negras definem-se também pelo desejo de transcender as estruturas do Estado-nação e os limites da etnia e da particularidade nacional. O caráter inegavelmente híbrido do Atlântico negro possibilitou a criação, pelos negros dispersos, de formas culturais estereofônicas e mestiças nas estruturas de pensamento, sentimento, produção, comunicação e memória.

Nesse sentido, o livro se posiciona explicitamente contra a tendência ao absolutismo étnico que domina a cultura política negra contemporânea, desenvolvendo uma discussão crítica do afrocentrismo e do modo limitado e repetitivo como essa teoria tem entendido a idéia da tradição e, por conseguinte, da diáspora. O autor desafia ainda as noções estreitas de negritude que defendem a música negra como símbolo ou mesmo prova de "autenticidade" racial, questão que recebe no livro a atenção merecida, em virtude do seu alto grau racializador da cultura. Defendendo que as identidades estão constantemente sendo refeitas, não havendo portanto lugar para o invariável, o estático, o puro ou o absoluto, Gilroy demonstra que a autenticidade, tão valorizada por alguns pensadores negros, serve muito mais ao *marketing* das mercadorias culturais, tornando-se um elemento de racialização para tornar as músicas não-européias e não-americanas artigos aceitáveis no mercado pop internacional, a exemplo do que ocorre com a chamada world music.

Mas o autor faz mais do que meramente se posicionar dentre os pensadores que se autodenominam "antiessencialistas", combatendo não apenas o já tão rechaçado essencialismo étnico negro, que visa construir sujeitos completos e previamente estabelecidos segundo padrões supostamente "africanos" ou estaticamente "negros": faz também uma análise crítica do próprio "antiessencialismo", já que este tem assumido uma postura igualmente simplista ao atribuir às culturas uma tendência automática à pluralização que negaria sua especificidade. É inegável que a particularidade negra seja construída social e historicamente, mas não é possível sugerir, em nome de um antiessencialismo ou de um rigor teórico, que seja inadequada a busca de qualquer estrutura dinâmica unificadora ou subjacente de sentimentos nas culturas negras contemporâneas. Para Gilroy, existe sim uma particularidade negra e esta é definida por práticas culturais e agendas políticas que conectam entre si os negros dispersos. É necessário portanto que as análises da cultura negra transcendam a oposição bipolar e simplista entre as perspectivas rígidas do essencialismo e do antiessencialismo, que tem se tornado um obstáculo à teorização crítica, nem que para isso seja necessário adotar uma postura "anti-antiessencialista".

Além de mostrar as conseqüências negativas do apego à "raça", Gilroy é um intelectual bastante atento à questão de gênero e mostra a todo momento a interseção entre a afirmação da negritude e o predomínio da masculinidade no pensamento negro nacionalista. As idéias sobre masculinidade, feminilidade e sexualidade têm sido proeminentes na redentora jornada de volta à África, mito que preserva o ideal de família patriarcal e submete a mulher ao papel de reprodução da perfeição e da pureza que irá garantir a perpetuação da particularidade negra. Essa "tarefa feminina" de garantir a reprodução da nação é típica não apenas do etnicismo negro, mas também dos nacionalismos de um modo geral. Se a "integridade da raça" demanda a regeneração da masculinidade negra, é então necessário destacar as conseqüências destrutivas e anti-comunitárias dessas perspectivas e em seguida trabalhar por sua transcendência, como propõe o autor.

O Atlântico negro é portanto importante obra de impacto e contém, segundo o próprio autor, um sistema heurístico, ou seja, pretende estimular o interesse para investigações futuras. De fato, o livro

cumpra a função de abrir caminhos para aqueles que também se sentem incomodados com os absolutismos étnicos, com as noções essencialistas que continuam a congelar os negros em imagens fixas e acabadas e com as várias cores e formas que revestem o racismo. Quem concorda com a tese central do seu trabalho, mas acha que este não contempla o Sul do Atlântico negro — a obra recebeu várias críticas por privilegiar o mundo anglófono em detrimento da América Latina e sua imensa população afrodescendente¹ —, deve seguir as rotas por ele traçadas e ampliar o desenho desse mapa dinâmico e alternativo. No prefácio à edição brasileira, Gilroy reconhece a importância de se falar no "Atlântico Sul negro", mas reafirma a necessidade de fazer uma abordagem da cultura da diáspora que seja capaz de mapear as delicadas consequências das influências mútuas e constantes que formaram as comunidades negras existentes mundo afora. O autor admite também que falar de mistura e hibridização tem uma ressonância diferente em um país como o Brasil, onde "o prejudicial ideal de pureza tem um sentido muito mais frouxo em relação à política cultural e uma relação totalmente diferente com as idéias de raça e de identidade nacional" (p. 10).

Uma das principais contribuições da teoria do Atlântico negro é sua concepção da diáspora — certamente muito mais libertadora — como um processo dinâmico que proporciona o surgimento de contrapoderes que vêm desafiar soberanias territoriais e crenças em identidades absolutas. Essa concepção oferece uma alternativa às restrições impostas pela crença em um parentesco primordial e um pertencimento enraizado, permitindo ir além da geografia e da genealogia, da natureza e da cultura ao rejeitar a idéia de nacionalidades e raciedades que seriam geradas espontaneamente, oferecendo-se como uma alternativa à noção metafísica de uma "raça" que determinaria uma suposta cultura inscrita no corpo e na cor. A diáspora, tal como conceitualizada no esquema do Atlântico negro, conecta pessoas que formam "uma comunidade

mais substantivamente democrática do que a raça jamais poderá permitir" (p. 13). Ao vivenciarem a diáspora em seus sentidos dinâmicos de rede, multiplicidade, comunicação e interação, as identidades negras tornar-se-iam explicitamente contrárias aos pensamentos nacionalistas ou que evoquem um único centro emanador de negritude, autenticidade e verdade.

As sementes espalhadas pela circulação deste livro transformador têm começado a brotar nos trabalhos recentes de intelectuais brasileiros que, ainda antes de dispor da sua tradução, já haviam enfrentado as barreiras da língua para também viajar pelas rotas do Atlântico negro. Os seus frutos podem ser colhidos também na mais recente obra de Gilroy², em que ele dá sequência ao desenvolvimento de questões fundamentais às análises das culturas negras empreendidas em *O Atlântico negro: o absolutismo étnico*, resultante da adoção por parte de intelectuais negros das concepções românticas de "raça", "povo" e "nação"; o fascismo negro, expresso pelo "elo embaraçoso" entre a busca da pureza de grupos negros e o repúdio aos seus oponentes; o fato de que a música negra tem perdido espaço para o poder da imagem, limitando-se a lhe servir de trilha sonora; as trocas frutíferas entre negros e judeus para o futuro da política cultural; a transcendência da idéia de "raça" e da noção de que o corpo humano seria o repositório fundamental de diferenças afirmadas como culturais.

Em *O Atlântico negro* é possível ler nas entrelinhas o prenúncio da utopia de uma humanidade universal cosmopolita, assim como a defesa da idéia da utopia em si, entendida não como ilusão, mas como possibilidade de um futuro desobrigado de toda e qualquer forma de racilogia, que propicie o surgimento de culturas planetárias mais fluidas e menos fixas, libertas da obrigatoriedade das raízes e do território, e não mais concebidas como prisioneiras do corpo ou do sangue.

Patrícia Pinho é doutora em Ciências Sociais pela Unicamp.

(1) Ver Clifford, James. "Diasporas". *Cultural Anthropology*, vol. 9, nº 3, 1994; Martínez-Hechazábal, Lourdes. "Hibridismo e diáspora em *Black Atlantic*: o caso de Chombo". *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 35, 1999; Sutherland, Peter. "In memory of the slaves". In: Rahier, Jean M. (ed.). *Representations of blackness and the performance of identities*. Westport, Conn.: Bergin and Garvey, 1999.

(2) Na edição inglesa, *Between camps: nations, cultures and the allure of race* (Londres: Penguin, 2000), e na norte-americana, *Against race: imagining political culture beyond the color line* (Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard Univ. Press, 2000).